

Violência contra as mulheres no ambiente universitário



Essa ilustração faz parte do falatório Vozes da Igualdade, que todas as semanas assume um tema difícil para vídeos e conversas. Para saber mais sobre esses temas, siga: www.facebook.com/AnisBioetica

Trote

A violência de Gênero se manifesta no âmbito universitário de várias maneiras. O trote e as chamadas “calouradas” são conhecidos na sociedade pela “violência” que os estudantes veteranos praticam com os alunos ingressantes. Muitas das denúncias que são feitas pelos meios de comunicação abordando a “violência” de maneira genérica, sendo recentes as abordagens que destacam a violência de gênero nos trotes. A diluição da violência de gênero na ideia genérica de violência reflete invisibilização sistemática dessa problemática, a desigualdade e opressão de gênero.

Não explicitar a violência de gênero presente nos trotes e associá-la estritamente à esse tipo de ocasião retarda a urgente criação de políticas de enfrentamento ao problema. A resposta institucional mais comum ao problema é a proibição ou regulamentação dos trotes em diversos estados, municípios e instituições através de leis ou resoluções (veja no mapa). Esse tipo de medida contribui para a ideia equivocada de que com o fim dos trotes e calouradas a “violência” e suas especificidades de gênero serão extintas e o problema será resolvido. Dessa forma tanto os aspectos de gênero da violência dos trotes tanto a violência de gênero cotidiana que @s student@s sofrem na universidade é invisibilizada. ●

CPI DAS UNIVERSIDADES

“O que mais acho urgente é tirar tudo o que ocorre nos trotes violentos do atentado violento ao pudor, de elevar à categoria de tortura. Trote é uma forma de tortura”, disse o presidente da CPI, deputado Adriano Diogo (PT), também presidente da Comissão de Direitos Humanos (CDH) da Casa. Foi lá, após três audiências públicas, que surgiram denúncias de abusos cometidos na FMUSP, e que levaram à criação da CPI. Um total de 39 recomendações foi produzido pelo trabalho dos parlamentares, que no âmbito legislativo propõem dois projetos de lei relevantes: um que proíba o patrocínio de festas estudantis por fabricantes ou vendedores de bebidas alcoólicas; outro que crie um cadastro de antecedentes universitários, o qual não servirá como ‘ficha criminal’ de alunos, mas sim que retratem o comportamento dos estudantes, pontuando o a sua eventual participação em trotes.

ACESSE

CPI das Universidades conclui trabalho com suspeitas de mais de 110 estupros na USP e problemas crônicos com trotes e álcool, por Thiago Araújo para o Huffpost Brasil

https://www.huffpostbrasil.com/2015/03/13/cpi-das-universidades-conclui-trabalho-com-suspeitas-de-mais-de_a_21681189/

Tipos de violência

ASSÉDIO SEXUAL: (comentário com apelo sexuais indesejados/
cantada ofensiva/ abordagem agressiva)

73% dos entrevistados, homens e mulheres , dizem conhecer casos

35% das estudantes entrevistadas sofreram assédio

26% dos estudantes entrevistados cometeram assédio

VIOLÊNCIA SEXUAL: Estupro/ tentativa de abuso enquanto sob efeito de
álcool/ Ser tocada sem consentimento/ Ser forçada a beijar veterano

14%

dos estudantes entrevistados , homens e mulheres, conhecem casos de mulheres que sofreram estupro

11%

das estudantes entrevistadas sofreram tentativa de abuso sob o efeito de álcool

46%

dos estudantes entrevistados, homens e mulheres, conhecem casos de violência sexual

28% das estudantes entrevistadas sofreram violência sexual

13% dos estudantes entrevistados cometeram violência sexual

COERÇÃO: ingestão forçada de bebida alcoólica e/ou drogas/ Ser

drogada sem conhecimento/ Ser forçada a participar em atividades degradantes (como leilões e desfiles)

12%

das estudantes entrevistadas foram forçadas a ingerir bebidas alcoólicas

11%

das estudantes foram coagidas a participar de desfiles, leilões ou outras atividades degradantes

32%

dos estudantes entrevistados , homens e mulheres, conhecem casos

18% das estudantes entrevistadas foram coagida

12% dos estudantes entrevistados coagiram

DESQUALIFICAÇÃO INTELLECTUAL: (desqualificação ou piadas
ofensivas, ambos por ser mulher)

62%

dos estudantes entrevistados, homens e mulheres, conhecem casos

49%

das estudantes entrevistadas sofreram desqualificação intelectual

19%

dos estudantes entrevistados desqualificaram intelectualmente a uma estudante

VIOLÊNCIA FÍSICA: sofrer agressão física (sem conotação sexual)

22%

dos estudantes entrevistados, homens e mulheres conhecem casos de violência física

10% das estudantes entrevistadas sofreram violência física

4% dos estudantes entrevistados cometeram violência física

PERMANÊNCIA

Os dados mostram que violência de gênero nas universidades têm diversas formas e impactam nas atividades acadêmicas e no bem estar das estudantes, gerando traumas e até provocando o abandono dos estudos. A permanência depende de um conjunto de condições materiais e ambientais necessárias para

fruição da vivência universitária que permitam o aproveitamento dos estudos, relações sociais e o bem estar das estudantes. Por isso podemos dizer que **a violência de gênero no âmbito universitário também configura um problema para permanência das estudantes.**

Além da desigualdade e violência de gênero que afeta as todas estudantes também são evidentes o agravamento das condições de permanência quando além do gênero as estudantes sofrem discriminação e violência relativos a outros eixos de opressão reproduzidos no âmbito universitário, como raça e classe. Se a experiência universitária é mais violenta para as mulheres que para os homens, a experiência para as estudantes negras e indígenas pode ser ainda mais violenta em razão da intersecção dessas motivações discriminatórias. O reconhecimento dessa realidade torna o problema da permanência mais complexo e superam a perspectiva de assistência estudantil de ordem material. Além da necessidade de se ampliarem e consolidarem auxílios e bolsas para moradia, transporte, alimentação, saúde, creches e trabalho é necessário que a segurança e o bem estar das estudantes seja garantido pelas instituições através de políticas concisas para igualdade de gênero, classe e raça.



machistas NÃO passarão!

Nos últimos dias, xs estudantes feministas da UFMG encamparam uma grande luta contra o machismo na universidade.

Queremos uma universidade sem catracas para as mulheres, por isso o movimento estudantil deixou um alerta aos professores machistas: nenhum mais passará na UFMG!

Até que a universidade esteja livre dos professores machistas.

Cartaz da ANEL - Assembleia Nacional dos Estudantes Livre - e do MML - Movimento Mulheres em Luta em apoio xs estudantes feministas da UFMG que encamparam uma grande luta contra o machismo na universidade em 2013.